TERAPÊUTICA MAGNÉTICA

Edição enriquecida com gravuras a traço de M. Rambert

© 2026 — Conhecimento Editorial Ltda

Terapêutica Magnética

Regras da aplicação do magnetismo à experimentação pura e ao tratamento de doenças.

ESPIRITUALISMO, SEU PRINCÍPIO E SEUS FENÔMENOS

Barão Du Potet

Todos os direitos desta edição reservados a
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.
Rua Prof. Paulo Chaves, 276 – Vila Teixeira Marques
CEP 13485-150 — Limeira — SP
Fone: 19 3451-5440
www.edconhecimento.com.br
vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão, por escrito, do editor.

Projeto gráfico: **Sérgio Carvalho**
Ilustrações: **Magnific IA**

ISBN 978-65-5727-230-5 — 1ª Edição – 2026

• Impresso no Brasil • ***Presita en Brazilo***

Produzido no departamento editorial da
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA

grafica@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Angélica Ilacqua CRB-8 / 7057)

Sennevoy, Jean Du Potet de, 1796-1881
Terapêutica Magnética (Regras da aplicação do magnetismo à experimentação pura e ao tratamento de doenças) / Le Baron Du Potet de Sennevoy – Limeira, SP: EDITORA DO CONHECIMENTO, 2026.
360 p.
Título original: ***Thérapeutique magnétique: règles de l'application du magnétisme à l'expérimentation pure et au traitement des maladies; spiritualisme, son principe et ses phénomènes,***

ISBN: 978-65-5727-230-5

1.. Cura pelo magnetismo 2. Cura pela fé e espiritismo 3. Hipnose 4. Sonambulismo I. Título

26- CDD – 133.9

Índices para catálogo sistemático:
1. Espiritismo – cura pelo magnetismo

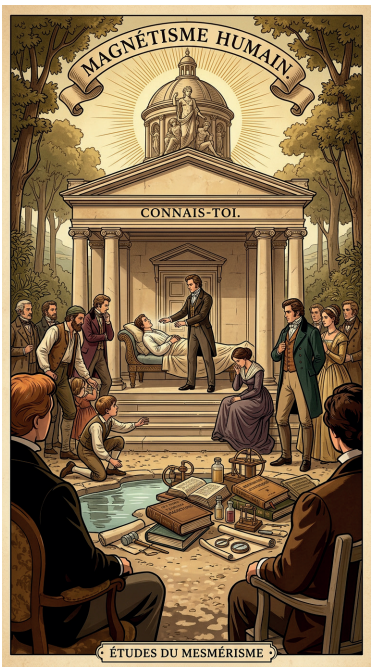
TERAPÊUTICA MAGNÉTICA

Regras da aplicação do magnetismo à experimentação pura e ao tratamento das doenças

ESPIRITUALISMO, SEU PRINCÍPIO E SEUS FENÔMENOS

pelo

BARÃO DU POTET



Vinheta do rosto: o templo do “Magnetismo humano”, com a inscrição “Conhece-te a ti mesmo”.

1ª edição – 2026

EDITORA DO CONHECIMENTO

Dados da edição original

Thérapeutique magnétique: règles de l'application du magnétisme à l'expérimentation pure et au traitement des maladies; spiritualisme, son principe et ses phénomènes, par M. le baron Du Potet.

Paris: chez l'auteur, rue Caumartin, 13; Dentu, libraire-éditeur, Palais-Royal, galerie d'Orléans, 13; Truchy, libraire-éditeur, boulevard des Italiens, 26; Germer-Baillière, libraire-éditeur, rue de l'École-de-Médecine, 17, 1863.

Impresso em Paris por A. Wittersheim, rua Montmorency, 8.

Tradução feita a partir do exemplar digitalizado pela Bibliothèque nationale de France (Gallica), proveniente da Biblioteca Henri Ey, Centro Hospitalar Sainte-Anne, Paris.

NOTA DA EDITORA

Terapêutica magnética saiu em Paris em 1863. O autor, o barão Jules Denis du Potet de Sennevoy (1796–1881), foi um dos mais conhecidos magnetizadores franceses do século XIX: desde as experiências que fez no Hôtel-Dieu de Paris, em 1820, até o fim da vida, dedicou-se a demonstrar em público, a ensinar e a defender o magnetismo animal, e dirigiu por muitos anos o *Journal du magnétisme*. Este livro é o balanço da sua prática: as regras de magnetizar, a aplicação do magnetismo às doenças, uma a uma, e, por fim, as suas ideias sobre o espiritualismo, que naqueles mesmos anos agitava a França.

Esta edição traz o texto integral, traduzido do francês, como documento da história do magnetismo e das ideias que, no século XIX, prepararam o estudo dos fenômenos psíquicos e do espiritismo.

Na segunda parte, Du Potet descreve o tratamento magnético que aplicava a quase todas as doenças conhecidas no seu tempo, inclusive a males graves como o câncer, a epilepsia, a tuberculose e o cólera. Essas páginas refletem a medicina e as convicções de 1863 e devem ser lidas como tal. Não substituem o diagnóstico nem o tratamento médico, e ninguém deve abandonar ou adiar um tratamento por causa delas.

As gravuras a traço de M. Rambert que ilustravam a edição original foram refeitas para esta edição, a partir dos desenhos de 1863.

INTRODUÇÃO

É coisa espantosa o desprezo frequente dos homens inteligentes pelos pequenos começos das grandes coisas.

PARKER

Há quarenta e tantos anos, vi pela primeira vez os fenômenos magnéticos. Senti então um estremecimento singular, que me abalou o organismo inteiro, e disse a mim mesmo: se estes fenômenos são verdadeiros, se sobretudo a imaginação não representa neles mais que um papel secundário, se enfim for possível submeter estas manifestações a um estudo racional, delas há de resultar com toda a certeza uma revolução nas ciências e, mais tarde, na humanidade. Pouco depois, produzindo eu mesmo, com as minhas mãos e o meu pensamento, tudo o que vira outras pessoas produzirem, passei noites sem dormir: não podia acreditar nos meus sentidos, e, como a razão não conseguia explicar nem fazer-me compreender aqueles divinos encantamentos, fiquei confundido.

Como!, dizia comigo, a ciência permanece muda diante de tantas riquezas, e a nação, enganada, nem sequer sabe que se descobriu uma força misteriosa capaz de vir em auxílio da medicina, de curar ou aliviar os males; ignora-se até a existência em nós de semelhante dom da Providência! E pus-me a refletir, a procurar como, por que meio se poderia fazer penetrar nas crenças a realidade dos impressionantes fenômenos do magnetismo e fazer entrar na ciência, por bem ou por mal, a verdade desconhecida.

A minha determinação de alcançar esse objetivo foi completa, inteira; consagrei a vida à realização desse projeto. Hoje me felicito por ter assim fixado as minhas ideias numa idade em que nada ainda é sério, em que a maturidade da razão ainda não se mostra. Refletindo sobre esse passado, recordando as lutas, os combates que tive de travar, muitas vezes acreditei que um gênio benfazejo me inspirara e me impedira de fraquejar. As tristezas do meu espírito nunca duraram mais que um momento; logo da-

vam lugar a uma alegria indizível. Vinha essa alegria de algum encorajamento? Não; nenhum recebia, ao contrário. Vinha de alguma ilusão produzida por sonhos de fortuna? Tampouco. Cativo do estudo, eu só via as criações sublimes de que era o instrumento. Só o demônio inspira maus pensamentos e faz brilhar aos nossos olhos a sedutora miragem da riqueza, para que os vícios que ela gera venham corromper a alma e torná-la imprópria às grandes coisas. Foi, pois, por outra via que recebi essa espécie de batismo que purifica e enobrece as ações.

Um dia, se quiserem lembrar-se de mim, ao resumir os trabalhos que realizei, hão de perguntar se um homem pôde fazer tantas coisas sem ser amparado, encorajado, sem jamais se mostrar cansado; hão de perguntar a causa dessa perseverança e procurarão, sem dúvida, a fonte de onde me vinha essa força, o que enfim me dera essa fé robusta que nunca me abandonou. Para adivinhar a minha vocação, será preciso colocar-se no meu ponto de vista e ter experimentado o encanto que causam as coisas até então desconhecidas dos mortais. Eu estava mais maravilhado que o viajante que, chegando a uma terra distante, contempla extasiado as produções de um solo onde tudo é novo e exuberante. Refeito um pouco do meu espanto, interrogava-me sem cessar para não admitir erro algum e tornar-me capaz, um dia, de retratar e transmitir a verdade. Preparava-me assim para cumprir dignamente o voto que fizera de fazê-la penetrar por toda parte, juntamente com os procedimentos que me haviam servido para firmar as minhas convicções. Não eram apenas os fatos que eu me propunha revelar, mas sobretudo os benefícios dessa arte nova.

Não falarei dos meus esforços impotentes junto aos homens de ciência, das minhas demonstrações sem resultado diante dos médicos, nem da inutilidade, a princípio, dos meus numerosos apelos ao público: o mundo parecia surdo e cego para mim. Nunca desesperei, contudo; essas mesmas lutas temperaram-me a alma e deram ao meu caráter uma firmeza que talvez eu jamais tivesse tido sem elas. Se as minhas numerosas tentativas nem sempre alcançaram o êxito imediato e visível que eu buscava, nem por isso foram inúteis: prepararam, para um futuro próximo, o triunfo

do magnetismo, desse agente por tanto tempo desconhecido, que está destinado a fazer tanto bem aos homens. Hoje essa semente germinou em inteligências de escol e produziu flores e frutos deliciosos. Mas o povo, que nunca recebe senão fracos raios dos conhecimentos humanos, que não tem nem o tempo nem os meios de recolhê-los e gozar dos seus benefícios, não foi, a meu ver, suficientemente penetrado dessa verdade; pois o magnetismo, essa descoberta providencial, parece ter por missão dar-lhe aquilo que sempre lhe faltou: um meio natural, simples e fácil de aliviar as suas misérias, de tornar-se em poucos instantes médico sem frequentar as escolas públicas, e de penetrá-lo ao mesmo tempo de uma filosofia suave e consoladora, tanto quanto maravilhosa no seu princípio. Com efeito, todos os homens são sensíveis às obras do bem; o seu coração se comove sem que sejam precisos discursos e palavras para agir sobre os seus sentimentos; o seu próprio horizonte se alarga, e tudo o que é abjeto desagrada pela simples comparação entre o que é bem e o que é mal. O magnetismo, mais do que qualquer outra descoberta, age assim sobre todos: evoca tudo o que há de paixões nobres nos seres, tira do torpor as faculdades da alma que estavam adormecidas e faz viver uma vida dupla todos os que dele se penetram.

Não, não é um sonho vão: os resultados são tais como os descrevo, e tenho mil testemunhos irrefutáveis que provam tudo o que há de moralizador no fundo dessa verdade bem compreendida. Vede-a na morada da dor, levando a alegria e a esperança, acalmando os males e esclarecendo o espírito! Vede-a revelando ao homem mais ignorante o poder divino que Deus pôs nele, como em toda criatura, e chamando-o a uma fraternidade universal, fundada não numa utopia nem em leis humanas, mas numa lei divina que se revela no momento mesmo em que o homem, estendendo a mão para aliviar o irmão, dá uma pequena parte da sua vitalidade àquele que sofre e com quem a natureza se mostrara avara.

Oh! que alegrias e delícias entrevemos! Que laço poderoso vai unir os homens entre si, que harmonia se estabelecerá quando todos souberem que podem socorrer-se mutuamente e restabelecer simpatias que os interesses

destruíram! Sim, o que dividiu os homens, fez nascer o egoísmo, arruinou a moral, foi a ignorância dos divinos preceitos do Cristo, desse grande moralizador e curador cuja vida nunca foi compreendida, nem as obras jamais imitadas! E, no entanto, ele dissera: *Crê e estende as mãos sobre os enfermos, e eles ficarão curados!*[1]

Se não falou de escola de medicina, de farmácia, de medicamentos, foi porque queria ensinar com isso aos homens a tirar tudo de si mesmos, sem receio de jamais esgotar a fonte dos seus benefícios. Sim, é uma lei absoluta que só a vida pode dar a vida, e é em vão que a ciência, afastando-se dela, procurou substituí-la. Os seus esforços impotentes aí estão para atestar o nada das concepções humanas quando o espírito se afasta do próprio princípio que constitui os seres. Em breve se verá desaparecer da terra a maior parte dos males que afligem os homens, quando estes, penetrando-se do seu poder, souberem usá-lo.

Os males só são terríveis porque não se sabe deter o seu primeiro efeito e porque se deixa assim que as desordens se perpetuem, pela ignorância em que se está da existência de um agente que cura. Quando, ao primeiro grito de um ser que sofre, um amigo, um parente, até mesmo um estranho disser à dor: "Para!", a dor parará. Para conceber tal possibilidade, será preciso, bem o sabemos, demonstrar-lhe a evidência milhares de vezes, conduzir a mão do incrédulo à própria sede das dores alheias, chamar todos os seus sentidos a verificar o trabalho reparador que a natureza começa imediatamente, no instante mesmo em que o agente bendito penetra nas carnes.

Mas, sem nos alongarmos mais sobre uma verdade tão grande e que daqui a pouco receberá a sua sanção, remetemos o leitor às demonstrações fundamentadas que vamos fazer diante dos seus olhos, a fim de que, dispondo dos meios de proceder que nos serviram para adquirir uma convicção inabalável, ele mesmo possa, por simples esforços de vontade, provocar a natureza a atos manifestos que dão a medida do seu poder quando se sabe ajudá-la nas

[1] Paráfrase de Mc 16,17-18: "Estes são os sinais que acompanharão os que crerem: [...] imporão as mãos sobre os enfermos, e eles ficarão curados." [N. do T.]

suas operações, e das obras-primas que ela pode realizar quando se lhe aumenta a força.

Esta obra nada tem em comum com todas as que até hoje vieram à luz acerca da medicina — os almanaques de saúde, os manuais de higiene, os métodos de curar-se a si mesmo e cem tratados diversos que, a nosso ver, só têm valor secundário, embora escritos com a intenção de fazer bem aos homens. Todas as suas práticas, fundadas na ação dos remédios e nas virtudes de alguns deles, reconduzem, por conseguinte, à medicina das escolas; delas não diremos nem bem nem mal. Temos em vista um pensamento mais elevado: queremos ensinar uma arte mais eficaz e mais simples, na qual os medicamentos, se não forem banidos, passarão a ocupar o segundo lugar. Não empregaremos os termos consagrados pela ciência para descrever as doenças e os seus estragos; a nossa linguagem terá a simplicidade que, para ser compreendida, só pede bom senso e inteligência comum. Praza a Deus que o que vamos escrever se torne o evangelho do povo! Um bem imenso se terá realizado, e teremos cumprido a nossa missão, realizado o nosso voto mais caro, pago a nossa dívida para com a humanidade.

Quem quer que sejas — ferreiro, mecânico, lavrador, soldado, comerciante, boiadeiro etc. —, toma o que vamos dar-te, procura penetrar-te dos princípios que vais ler e utiliza-os. Não invejes o ouro do rico nem a ciência do médico: nem um nem outro pode coisa alguma para aliviar as tuas misérias físicas nem as dos seres que amas. O bem mais precioso é a saúde; de que te serviria o ouro se não pudesses usar os braços, ou a ciência do médico se ela não pode fazer cessar a debilidade dos teus órgãos? As palavras de consolo que te trouxerem nos teus sofrimentos serão sempre impotentes se não souberem, ao mesmo tempo, fazer penetrar em ti a vida, a única que dá a alegria e a saúde. Imita o jardineiro junto a uma planta que definha e vai morrer queimada pelo sol: vê-o derramar a água fecundante que, umedecendo a terra, produz nova seiva e faz reviver assim, contra toda esperança, o que ia perecer. Ele é o verdadeiro médico das plantas do seu jardim, e para tudo o que sofre emprega um só remédio.

Lembra-te de que o teu organismo encerra o princípio de todas as coisas; de que o que te sustenta não passa de um fluido cuja privação dá a morte e cuja presença dá a vida. Lembra-te de que a natureza não precisa de auxiliar, sem dúvida, quando é bastante forte por si mesma; mas, quando desfalece, necessita do elemento que lhe falta para restabelecer o jogo dos órgãos e a saúde.

Aprende, pois, a espalhar com abundância esse fluido regenerador; derrama-o sobre quem sofre, sobre quem definha, e verás logo os seus benefícios. Se não esperares demais para realizar essa obra, verás a morte fugir à tua aproximação e a seiva humana reaparecer nas partes ressecadas ou queimadas pelas matérias sutis que haviam invadido e penetrado o corpo do enfermo; verás este estender-te os braços, chamar-te, queixar-se da tua ausência, depois de ter sentido uma vez circular em si esse benfazejo magnetismo. Uma doce simpatia o prenderá a ti e te atrairá para ele; sentirás que és senhor da sua vida e que já não te é permitido abandoná-lo. Vai, vai, crê-me: se me escutares e seguires os meus ensinamentos, o teu coração se dilatará e compreenderás que tens em ti alguma coisa da divindade.

Deixa rir esses raciocinadores insensatos que procurarão desviar-te dessa obra do bem; não dês ouvidos aos discursos desses sábios Esculápios[2] que, não sabendo curar-se a si mesmos, procuram contudo impor-se a ti como ministros da saúde. Mostra-te surdo a todos esses mexericos, a essas interpretações vulgares nascidas da ignorância, aos erros da multidão e aos sermões mentirosos com que procurariam tornar odiosa ao teu espírito a prática mais santa, apresentando-a como sugerida por Satanás — como se o agente do mal pudesse realizar um bem, como se Deus tivesse enganado a sua criatura ao revelar-lhe os meios de conservar-se! Escuta só os sentimentos do teu coração, e logo a tua inteligência esclarecida te dará a força que procuravas, a energia que há pouco te faltava. Aproxima-te resolutamente do ser que sofre; não lhe peças que creia no teu poder; sê sem orgulho, sem vaidade, pois o que vais dar todos os homens o possuem. Deus não

[2] Esculápio (Asclépio, para os gregos), deus da medicina na mitologia greco-romana; por extensão, os médicos, aqui em tom irônico. [N. do T.]

concedeu privilégios nesse gênero: amassou-nos a todos do mesmo barro, e desse barro, em todos, se extrai a força que vais despender. Fazendo assim o bem, merecerás que um dia te seja feito o mesmo; colherás conforme houveres semeado.

A cada instante vês desaparecer à tua volta seres jovens para os quais a ciência foi estéril; vês as epidemias ceifar antes do tempo essas espigas humanas, sem que tenham tido o tempo necessário para espalhar ao seu redor a vida que receberam; vês os hospitais encherem-se de infelizes que a morte também vai colher. Que esse espetáculo esteja sempre presente ao teu espírito, a fim de te fazer compreender que esses desastres se devem à ignorância dos homens, à incapacidade dos sábios, e não à natureza, que deles não foi a única culpada. Tudo te dirá em breve, se te recolheres, que deve existir um remédio para tantos males e que a ciência, na sua incúria, o procurou onde ele não podia estar. Não amaldiçoes, porém, nenhum desses homens, pois foram, como todos, vítimas da sua arte mentirosa e das suas falsas virtudes.

Não procures defender a verdade com a palavra diante desses sofistas; deixa falar os fatos, produze-os em grande número sem procurar sondar os segredos da natureza, pois isso não pode caber-te de início: para tanto Deus fez privilegiados, criou o gênio que concebe, a inteligência que reúne e coordena os fatos e lhes descobre a lei. Tem a simplicidade dos apóstolos: homens do povo como tu, e sem ciência alguma, ensinavam os meios de fazer o bem sem por isso se julgarem sábios; tocavam e curavam os enfermos como o seu Mestre, e nenhum deles, contudo, se julgou seu igual.

Pouco a pouco adquirirás os conhecimentos necessários e agirás com método; aos poucos acreditarão em ti, e verás agrupar-se à tua volta não só os que sofrem, mas todos os que têm um coração compassivo. Assim se espalharam as diversas crenças que fundaram a moral e tiraram os homens do sensualismo abjeto.

As horas passadas na devassidão, as forças gastas em jogos inúteis podem tornar-se fecundas, se souberes e quiseres empregá-las de outro modo: ver-te-ão mais vezes à cabeceira dos enfermos, e, fugindo daí em diante dos luga-

res onde a razão se apaga e a vida se esgota, o teu organismo receberá um desenvolvimento mais perfeito.

Ah! sem dúvida nunca te falaram assim, e, para te desviar de um caminho fatal, não souberam apelar para a tua dignidade e revelar-te os teus altos destinos. Falaram-te de liberdade, de independência... Ensinaram-te a desprezar essa voz secreta que fala a todos e procura fazer compreender ao homem que, passageiro nesta terra, ele só é grande pelo bem que faz, que tem outro destino, que nem sequer pertence a si mesmo, mas que tudo pertence ao Criador de todas as coisas, e que tudo o que dele recebemos lhe deve ser restituído. Mantiveram-te em completa ignorância de uma ciência inata que hoje se difunde e que tu mesmo verificarás em breve no sono que saberás provocar, sono em que seres sem ciência adquirida revelarão o que é necessário às tuas necessidades e às deles, tudo o que pode bastar enfim para te esclarecer e cumprir o teu destino. Depois, inúmeros fenômenos resultantes da tua ação e do teu pensamento perseverante te esclarecerão sobre o infinito que nos rodeia e sobre a vaidade das ciências que pretendem igualar o poder do Criador.

Se a minha linguagem não te persuade, se te recusas a seguir pelo caminho que te indico, permanecerás o que és: cego; a natureza jamais te fará compreender as suas divinas harmonias. Explorado por todos os charlatães, enganado por todos os falsos sábios, irás caminhando para a cova onde todos dão o último tombo, sem nada saber da vida, desaparecendo sem deixar lembrança.

Seja como for, vou desvendar-te mistérios secretos, uma ciência de que se honravam os homens mais ilustres da Antiguidade, que buscavam os chefes supremos dos impérios. Saberás, se quiseres, num instante o que os nossos sábios ignoram, o que os nossos padres se recusam a aprender, o que enfim se praticava nos templos e foi recebido como um presente da divindade.

Todos os escritos de filosofia nos ensinam bem pouco sobre a vida e sobre a alma; o pensamento vai mais longe. Um instinto divino nos adverte de que aquilo que a razão nos representa como morto é animado, vive de vida própria, e, mais ainda, de que nada perece. O magnetismo, pela sua ação viva, pelos prodígios que ela determina, faz

pressagiar que este mundo vai sair das suas incertezas a respeito da alma e da sua imortalidade.

Filósofos, procuráveis o agente que, em toda a natureza, imprime o movimento e dá a forma aos seres? Ei-lo encontrado; possuímo-lo enfim. Perguntáveis se a vida humana não passava de um acidente, e a morte, do nada? O magnetismo vos responderá doravante, fazendo reaparecer o Espírito, essa pura essência que julgáveis matéria perecível, sob a própria forma que Deus lhe deu e que ele deve conservar sempre, porque é uma lei. Perguntáveis onde começava a vida? Ela não começa: continua-se; a sua fonte não se esgotará, assim como não se esgotou a que deu origem à imensidão dos mares.

Perguntáveis se existíamos antes de nascer? Essa questão em breve será resolvida. Se existiremos depois da morte? Os mortos vos tocarão com a ponta dos dedos para vos advertir e convencer de que estão à vossa volta, de que podem comunicar-se convosco.

Pedíeis a esse mundo desconhecido que se revelasse materialmente, como se a coisa fosse possível? Esse mundo veio para o nosso meio e zombou das leis que havíeis estabelecido acerca da matéria e da sua gravitação: os móveis mais pesados foram erguidos do chão e mantidos no espaço, sem que se pudessem apanhar as mãos invisíveis que assim rompiam leis que julgáveis certas e imutáveis.

Perguntáveis se a Inteligência existia fora da vida? Músicos invisíveis se fizeram ouvir em instrumentos que serviam para vós mesmos vos exercitardes, e — coisa mais maravilhosa — em instrumentos que não se viam.

No vosso orgulho de vivos, julgáveis que os mortos nada poderiam sobre vós, que o vosso eu, a vossa personalidade era inatacável? É um jogo para eles quebrar as molas da vossa máquina e vergar-vos como um caniço.

Filósofos, pedíeis aos mortos provas evidentes da sua vinda ao nosso meio, insultando-lhes os manes[3] e zombando da crédula Antiguidade? Na América, na França, na Inglaterra, fenômenos novos atestam que os nossos pais eram mais sábios que nós. Os mortos não se preocupam muito com os sábios e os nossos míopes acadêmicos; já

[3] Na Roma antiga, as almas dos mortos, veneradas como divindades do lar. [N. do T.]

não solicitam condecorações nem pensões; riem-se das comissões de inquérito e dos seus atestados; deixam os sábios nas suas ilusões, no lodaçal de onde eles mesmos saíram, para nada mudar, sem dúvida, nos brilhantes destinos que estes se prometem, para não destruir a sua efêmera e vã imortalidade; pois, semelhantes às locomotivas, eles passam deixando apenas a sua fumaça.

Queríeis que os mortos comparecessem diante de vós como humildes súditos diante do seu rei? Era preciso que se inclinassem diante da vossa impotência para justificar a sua identidade? Se não são em tudo semelhantes a nós, nem por isso os mortos deixam de ter o seu orgulho; não podemos constrangê-los: escolhem o seu momento e fazem o que lhes apraz. Mas têm simpatias, obedecem a misteriosas atrações cuja existência se ignora; e, se a terra é o nosso domínio, o espaço é o seu reino. De longe como de perto, penetrando os nossos pensamentos, secundando os nossos desejos, entram em nossa casa com estrondo ou sem ruído. Nem todos são bons, longe disso: muitos são fanfarrões, travessos ou mentirosos — talvez em vida tenham passado por sábios. Muitas vezes dão conselhos funestos e fazem falsas profecias: isso prova, sem sombra de dúvida, que viveram entre nós, mas que, ao deixar-nos, levaram consigo as nossas misérias e as nossas paixões; com a libertação da matéria, só tinham conquistado a liberdade!

... Mas que vem contar esse sonhador apalermado?, vão dizer os nossos sábios e todos os seus satélites. Toma-nos por crianças a quem se pode ler, contando com a sua credulidade, *As mil e uma noites*?... — Quem escreveu esse livro sabia mais do que vós, e, se embalou a infância com os seus encantamentos, a juventude, entregue às vossas mãos, foi murcha; pois nunca soubestes adivinhar-lhe os destinos. Sem dúvida, espíritos maus e invejosos da felicidade dos humanos entraram nos vossos corpos, endureceram-vos o coração, alteraram-vos o cérebro; e, fazendo-vos mover à vontade deles, incutindo-vos falsas crenças, por instigação deles adorastes fetiches impotentes e expulsastes de diante de vós os gênios benfazejos que vos queriam esclarecer. Não foram as vossas mãos que acenderam as fogueiras que os fizeram subir ao céu antes do tempo?

Um inseto quase gelatinoso pode entrar na madeira mais dura, chegar até a medula, corromper-lhe a essência e em pouco tempo fazê-la perecer. Assim fazem às vezes os espíritos maus; pois foi mesmo por eles e sob as suas más inspirações que preparastes a cicuta que Sócrates bebeu; foi por eles ainda, sem dúvida, e por seus conselhos que Jesus foi crucificado. Sim, fostes vós, sempre vós, que, presas do mesmo delírio, pesáveis com todo o vosso peso sobre os ombros de Galileu para que se pusesse de joelhos! Quem lançou ao vento as cinzas de Joana d'Arc? Vós, ou irmãos vossos presas do mesmo domínio, ou cuja educação vos fora confiada.

Mas, sem ir buscar tão longe as provas das vossas más ações, fostes vós que deixastes Kepler morrer na pobreza,[4] que atirastes Ramus pelas janelas da sua própria casa[5] . . . . . e obrigastes Mesmer a deixar a pátria para vir a Paris sofrer da vossa parte uma nova e mais cruel ignomínia.[6]

Sim, este mundo é instigado por gênios maus: não o credes agora; em breve não duvidareis mais. Os vossos edifícios religiosos desabarão sobre as vossas cabeças, pois, inspiradas pelas vossas sábias lições, as gerações que se aproximam terão o espírito perturbado. Eis o que veem e dizem os bons espíritos, aqueles mesmos cuja existência negais e de quem neste momento não sou mais que o eco lastimoso e impotente. Sim, a entrada dos vossos palácios será forçada; mas não vos queixeis: esses insensatos terão sido todos vossos alunos!

Semelhante ao romancista cujo espírito, fecundo demais, se perde em sonhos e se deixa levar pelo encanto dos seus pensamentos, sabendo bem, no entanto, que um delírio passageiro lhe altera a razão, gosto de percorrer, além da nossa terra, horizontes sem fim, de pintar o des-

[4] Johannes Kepler (1571–1630), astrônomo alemão; morreu em Ratisbona quando viajava para cobrar salários atrasados. [N. do T.]

[5] Petrus Ramus (Pierre de La Ramée, 1515–1572), filósofo e humanista francês, protestante; foi morto em Paris no massacre da Noite de São Bartolomeu, e o corpo, lançado da janela. [N. do T.]

[6] Franz Anton Mesmer (1734–1815), médico nascido na Suábia e formado em Viena, criador da doutrina do magnetismo animal. Deixou Viena em 1778 e instalou-se em Paris, onde, em 1784, duas comissões nomeadas pelo rei (uma delas com Franklin e Lavoisier) negaram a existência do fluido que ele defendia. [N. do T.]

conhecido, de colher de passagem as verdades primeiras, tudo o que enfim exalta a fé e o sentimento!

Não acrediteis na minha cólera, nos pensamentos sombrios que ela me inspira... Tudo vai bem nesta terra..., tudo é belo! Faço muito mal em sustentar o contrário; os nossos sábios são semideuses desde que apanharam o raio, e, se não fossem clementes, poderiam fulminar-me! Diante do seu saber, inclino-me, pois; não passo de um ignorante.

Mas não: o fingimento não me é permitido; o que disse acima como verdadeiro, mantenho-o. Não exijo que me acreditem; mas nenhum dos mortais destruirá a minha crença.

No meio da multidão caminho, e ninguém me vê, nem dá apoio às minhas ideias. Como a todos, a vida me foi dada; como todos, eu tinha um destino: cumpro-o. Sigo tristemente o meu caminho, ouvindo os cantos da orgia, o som dos sinos que chama o humilde à oração e o rico aos festins suntuosos; vendo as cidades enfeitarem-se como para um dia de festa, os sábios em honra, a Bolsa iluminada, a opulência por toda parte! Dessa felicidade não tenho inveja; não, a riqueza não é o que eu invejo: o meu único gozo está na VERDADE.

O nosso objetivo, ao publicar este escrito, em que tantos fenômenos extraordinários recebem uma espécie de consagração, é levar os que o lerem a fazer algumas tentativas para se esclarecerem sobre a realidade das ciências ocultas e avançar assim em filosofia, afastando-se das escolas que nada oferecem que os possa guiar nesse estudo. Aqui ninguém é recusado: cada um tem o poder, em certa medida, de certificar-se por si mesmo de que há neste mundo mais verdades do que a ciência oficial revela, de que a alma tem propriedades que, postas em evidência, podem servir ao homem de facho e guiá-lo por caminhos novos, próprios para tirá-lo da sua infância e do seu materialismo. Então ele abandonará certamente os preconceitos da multidão ignorante e os sofismas dos sábios para ver a natureza tal como ela é, livre do prisma enganador através do qual a considerou até aqui.

Se nos seguir, descobrirá ainda em si uma medicina mais perfeita, mais segura que a dos nossos doutores, e o meio de fazer bem aos semelhantes sem lhes fazer cor-

rer risco de vida, envenenando-os com drogas. E, levando mais longe as suas pesquisas, poderá chegar a descobrir a existência de leis superiores às que regem a matéria e que, situadas fora dos nossos sentidos, são, no entanto, acessíveis ao espírito.

Ousamos prometer a quem seguir esse caminho emoções suaves e consoladoras, resultados inesperados; pois talvez seja esta a única ciência que age sobre o espírito sem jamais cansá-lo, mostrando-lhe sempre novos horizontes.

É fé em nós que pedimos aos nossos leitores? Não. É por interesse particular que solicitamos a sua atenção? Também não. O nosso único objetivo é incitar os amantes da verdade a pesquisas que fizeram a nossa alegria e cujos resultados nos sustentaram nas provações da vida.

Demos a esta obra uma forma insólita; o tempo não nos permitiu fazer de outro modo. Nunca tivemos os lazeres que permitem o apuro da forma, a escolha dos pensamentos, a distribuição ordenada dos imensos materiais que anos de observação nos puseram nas mãos. Preferi publicar um livro incompleto a deixar no esquecimento fatos importantes e meios de experimentação que podem ser de grande utilidade para os homens menos versados do que eu na prática do magnetismo.

Teria sido prudente da minha parte nada publicar acerca dos fatos de espiritualismo?[7] Talvez. A minha situação era difícil: uns queriam fazer-me entrar plenamente nesse caminho novo; os outros, espíritos mais positivos, viam com pesar que eu me ocupasse dessas matérias e, por conseguinte, assentasse a base do magnetismo num terreno movediço demais. Mas, quando fenômenos se tocam, quando há ligação, identidade, pertencem necessariamente ao mesmo princípio; pois a natureza nunca emprega dois meios diferentes para chegar a um mesmo fim. Para agradar a uns, eu deveria ter escondido metade da verdade; mas, calando assim o que sabia, poderiam crer que eu era alheio a tudo o que se fazia ou se publicava de outro

[7] *Spiritualisme*, no original. Em 1863, a palavra designava, na França, o conjunto dos fenômenos e crenças ligados à comunicação com os espíritos — mesas girantes, escrita mediúnica, aparições —, à maneira do *Spiritualism* anglo-americano. Du Potet não emprega "espiritismo", termo criado por Allan Kardec em 1857, e o seu sentido não coincide com o do espiritualismo filosófico (oposto ao materialismo). Seguimos sempre a palavra do autor. [N. do T.]

lado, ou que, por um interesse qualquer, mantinha voluntariamente uma espécie de neutralidade, por impossível que ela seja. Não hesitei em falar.

Moderando o ardor de uns, encorajando outros a prosseguir nas suas pesquisas, fui testemunha de combates sem fim, sem poder conciliar crenças tão diversas. Ainda hoje, vários dos nossos amigos só enxergam o espiritualismo puro nos fatos que produzem; outros, julgando igualmente ter razão, atribuem tudo ao magnetismo. Atordoado com esse ruído e não podendo esperar senão do tempo a conciliação das opiniões, cansado dessa luta, resolvi dizer todo o meu pensamento, por mais que isso me prejudique aos olhos de muitos: o que amo acima de tudo é a franqueza e as confissões sinceras. Ver-se-á que nada oculto, que abordo com resolução o estudo de tudo o que se me apresentou com uma espécie de evidência. Será uma mistura de fatos de todas as ordens: falarei de medicina, tratarei da filosofia e das ciências ocultas, de tudo enfim o que passou diante dos meus olhos durante uma longa série de anos.

Gosto de crer que haverá algum proveito em ler este escrito, pois estou persuadido de que ele contém o germe das maiores verdades.

Renuncio a apoiar-me nas obras alheias, nos argumentos que poderia tirar de quinhentos volumes já publicados e que contêm aos milhares as provas irrecusáveis não só da existência da força magnética, mas dos seus benefícios evidentes. Quero primeiro traçar as regras de uma aplicação racional do novo agente ao tratamento das doenças e tornar a prática dessa arte fácil e geral. O meu objetivo não é a discussão; bano-a daqui. A verdade não tem de se defender: ela é ou não é; se é, prova-se por si mesma.

Esse poder simples e natural que todos os homens podem exercer resulta de uma propriedade que pertence propriamente ao seu organismo e que ninguém pode destruir; ela existe porque existe, como a luz e a eletricidade, como o ímã e o galvanismo. Conhecê-la bem, distinguir todos os seus produtos, é a isso que se deve tender. Sem esse conhecimento, o vago, a incerteza que pesa sobre o espírito não permite, por mais inteligência que se tenha, uma marcha segura.